

O Marambiré

Crônica de **Luiz Ismaelino Valente**

Um belo dia, no começo da década de 1970, eu e meu irmão Flaiury resolvemos homenagear os quilombolas do **Pacoval** – distrito do município de Alenquer, um dos mais importantes ajuntamentos de negros escravos evadidos das fazendas de Santarém, que se formaram, por todo o século XIX, na região Oeste do Pará, ou Baixo Amazonas –, notabilizado por sua **mandinga** e pela fabricação de uma bebida, de fórmula até hoje secreta, o **remédio dos pretos**, poderoso soro anti-oftídico tão elogiado por Vital Brasil, do Instituto Butantã (SP).

Meu avô e meu pai contavam a **lenda** (eu nunca consegui saber se a história era verdadeira!...) de que um dos líderes do **Pacoval**, o preto **Assis**, casou-se com uma bela moça branca, de nome **Rosa**, rica e orgulhosa herdeira de comerciantes portugueses do **Boulevard** Castilho França, de Belém, que, entretanto, ao visitar Alenquer, em priscas eras, primeiro desprezou o quilombola, mas, depois, não resistiu aos encantos (ou terá sido ao **feitiço?**) do jovem do **Pacoval**, onde com ele passou a viver até morrer em idade propecta.

Criei, assim, um poema, que meu irmão musicou. A introdução da música – mistura, quiçá, de dialeto africano com dialeto indígena, cuja tradução literal nunca logrei obter –, reproduz a **saudação** inicial e a **despedida** da **dança do Marambiré**, cantadas na chegada e na saída das casas visitadas pelo cordão. Essa saudação/despedita comporta outras variações. Mas a versão que escolhemos para esta composição baseia-se no testemunho, colhido por meu avô e por meu pai, diretamente do velho Árgeo Milharal, abnegado cultor e mantenedor, durante muitos anos, dessa manifestação folclórica da cultura negra tipicamente alenquerense.

De fato, essa dança é conhecida, com algumas variações, em outras localidades do Baixo Amazonas, como no Flechal, de Óbidos, e Alter-do-Chão, em Santarém (onde é chamada **muirambiré**), mas, segundo a erudita, abalizada e insuspeita opinião do maestro Adelermo Matos, que fez pesquisas **in loco** patrocinadas pelo então prefeito José Valente, ainda nos anos sessenta do século passado, “**o autêntico Marambiré é o que se pratica na vila do Pacoval de Alenquer**” todos os anos, em **cordões**, entre o Natal e o dia de **São Benedito** (6 de janeiro), padroeiro daquela vila e do bairro da Luanda, mas, às vezes, esticado até à festa de **São Sebastião** (20 de janeiro), padroeiro do arqui-rival bairro do Aningal, e, também, em junho, durante os festejos de

Santo Antônio, padroeiro da cidade – o que bem mostra o caráter fraterno, eclético e apaziguador do **Marambiré**.

Os trajes dos dançarinos do **cordão do Marambiré** são bem modestos (na verdade, são as **“roupas de domingo”** dos seus participantes), porém realçados por espelhos e cocares coloridos, feitos de fita, papel e penas de pássaros (que, em nome do **ecologicamente correto**, vêm sendo substituídas nos dias de hoje por outros materiais).

O **ritmo** da dança provém dos bumbos, pandeiros, cavaquinho e violão. As letras das músicas têm uma forte conotação religiosa (invocando principalmente **São Benedito**), e, ao mesmo tempo, rendem um tributo à nobreza – ao **Rei** e à **Rainha do Congo** e seus vassallos (com o tempo, graças ao fenômeno de transformação fonética, a palavra **vassallos**, quer dizer, os **súditos** do Rei e da Rainha do Congo, passaram a ser chamados de **valsares**, palavra que o léxico não registra).

O **Pacoval** e o **Marambiré** do tempo antigo continuam indelévels na memória dos alenquerenses: gente como o Aralto, o mestre Eládio, a dona Coroca, o velho Árgeo Milharal, a Raimunda Poeira (que durante décadas foi uma inigualável Rainha do Congo), o Carolino, o Inácio, o Santa Rira e tanta gente que o tempo não esquece, jamais!

Nesta composição, meu irmão foi buscar, na música, o **ritmo** inconfundível do **Marambiré**, talvez enraizado no **lundu**, matriz de tantas outras danças de inspiração africana; e, na letra, procurei evocar o mais rico **legado cultural** do quilombo do **Pacoval**: seu **remédio**, sua **mandinga**, o **Marambiré** e uma belíssima **história de amor**.

Composta no começo da década de 1970 – e incluída na CD **“Viva Alenquer”** (produzido por Benedicto Monteiro em 2002), cantada por Lídia Leite –, a música **Marambiré** teve sua primeira apresentação pública, com arranjo do competente maestro Anselmo Queiróz, no Auditório “Nathanael Farias Leitão”, em Belém, no dia 9 de janeiro de 2003, por ocasião da minha posse no cargo de Corregedor-Geral do Ministério Público do Estado do Pará.

Eis a letra (depois de cada quadra, repete-se o refrão):

MARAMBIRÉ

Aiuê te-cundê
Gurupê, moaxiá,
Ambirá,
Bambauá ererê!

(bis)

O marambiré
É do Pacoval

(refrão / bis)

Terra de puro sangue
Raça que não tem mal.

I

Não há beleza mais linda
Nem nas noites de luar
Que com a beleza da Rosa
A gente vá comparar.

II

A senhora Dona Rosa
Era prosa sim senhor:
– Rosa sem ter espinhos
Não é rosa e não é flor.

III

Do *remédio* desses pretos
Basta só uma colher:
– Pois se doma até as cobras
Quanto mais uma mulher!

IV

Não há feitiço que doa
Quando é de bem querer:
– Em Pacoval, terra boa,
Dona Rosa foi viver.

V

A senhora Dona Rosa
Se casou com o preto Assis:
– Mas se antes era prosa
Ao depois viveu feliz!

VI

Foi a Rainha do Congo
Que dançou no terreiro:
É a rainha da festa
É a mulher do guerreiro
Foi a Rainha do Congo
Que dançou o terreiro
É a rainha da festa
É a Raimunda Poeira!!

Aiuê te-cundê

Gurupê, moaxiá,
Ambirá,
Bambauá ererê!